



FEMINISMO E PÓS –VERDADE: OS DESAFIOS NA ERA DAS REDES SOCIAIS

ELEN APARECIDA DE SOUZA

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise aprofundada dos desafios enfrentados pelo movimento feminista na era digital. Ele investiga o conceito de pós-verdade e sua relação com a disseminação de desinformação e estereótipos que dificultam a luta pela igualdade de gênero. O texto destaca como as redes sociais se tornaram ferramentas essenciais para o ativismo feminino, permitindo que mulheres de diferentes contextos se conectem, compartilhem vivências, reivindiquem direitos e engajem-se em transformações sociais. Ao mesmo tempo, o estudo reflete sobre a dualidade do ambiente digital. Por um lado, ele potencializa o alcance das vozes femininas e promove debates importantes. Por outro, é um espaço onde fake news e discursos de ódio se propagam rapidamente, enfraquecendo os avanços feministas e perpetuando narrativas prejudiciais. A pesquisa evidencia que a desinformação não apenas distorce fatos, mas também reforça preconceitos históricos e culturais que minam os esforços por justiça e equidade. Além disso, discute a importância de desenvolver estratégias que combatam esses impactos negativos e promovam um uso mais consciente e responsável das plataformas digitais. Ao longo da discussão, salienta-se a relevância do feminismo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa, bem como a necessidade de um compromisso coletivo para enfrentar os desafios impostos pela era digital. Por fim, espera-se que o artigo contribua para ampliar a compreensão sobre a importância de combater a desinformação e construir um ambiente digital que fortaleça, em vez de prejudicar, as iniciativas feministas na busca pela igualdade.

Palavras-chave: Feminismo. Redes sociais. Pós verdade.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o feminismo tem se consolidado como um movimento social e intelectual crucial para a promoção da igualdade de gênero e a erradicação de práticas discriminatórias. No entanto, o avanço tecnológico e a proliferação das redes sociais trouxeram novos desafios para essa luta. Este estudo tem como objetivo analisar os impactos da era da pós-verdade no movimento feminista, com foco nos desafios enfrentados no ambiente das redes sociais, onde tanto a disseminação de estereótipos de gênero quanto a propagação de notícias falsas podem prejudicar os avanços em direção à igualdade.

A justificativa para este estudo reside na relevância contemporânea do feminismo como movimento transformador, aliado ao crescente papel das redes sociais como espaço de disputa narrativa. Ao mesmo tempo em que essas plataformas democratizam a comunicação e ampliam a voz de grupos historicamente marginalizados, elas também possibilitam a rápida disseminação de discursos misóginos e informações distorcidas, características marcantes da era da pós-verdade. Assim, compreender essas dinâmicas é essencial para fortalecer as estratégias feministas e combater a desinformação.

Neste artigo, exploraremos a evolução histórica do movimento feminista e suas conquistas na busca pela igualdade de gênero. Também discutiremos como as redes sociais têm

servido tanto como ferramenta de amplificação das vozes femininas quanto como palco para a disseminação de narrativas que desafiam a legitimidade do movimento. Para isso, contextualizaremos o conceito de pós-verdade, que ganhou relevância na última década com a ascensão das redes sociais e a rápida circulação de informações sem verificação, incluindo as chamadas *fake news*.

Além disso, abordaremos a responsabilidade coletiva no enfrentamento à desinformação, destacando a importância de práticas éticas de consumo e compartilhamento de informações. A metodologia adotada baseia-se em uma revisão bibliográfica de obras e artigos relevantes sobre feminismo, pós-verdade e redes sociais, bem como na análise de dados de pesquisas aplicadas sobre o tema e informações coletadas em plataformas como o Instagram.

Espera-se que, ao final deste estudo, os leitores compreendam não apenas o papel essencial do feminismo na construção de uma sociedade mais justa, mas também os perigos que a desinformação representa para essa luta. Ademais, busca-se evidenciar a crescente importância das redes sociais como espaços estratégicos para a promoção de narrativas feministas e para o combate à disseminação de conteúdos que enfraquecem o movimento.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, com ênfase em pesquisa bibliográfica. A principal fonte utilizada consistiu em livros, artigos acadêmicos que abordam os conceitos centrais do estudo, como feminismo, pós-verdade e redes sociais. As obras foram selecionadas com base em sua relevância e contribuição para a compreensão histórica e contemporânea do movimento feminista, bem como para a análise do impacto da desinformação no ambiente digital. Além disso, foram consultados relatórios e estudos publicados por organizações de pesquisa que investigam o papel das redes sociais na disseminação de *fake news* e no combate à desinformação. Dados complementares foram obtidos a partir de análises de conteúdo em redes sociais, com foco em publicações realizadas no Instagram, devido à sua relevância como plataforma de engajamento social e político.

A escolha pela metodologia de pesquisa bibliográfica justifica-se por sua adequação ao objetivo do trabalho, permitindo uma análise abrangente e contextualizada das transformações sociais, políticas e tecnológicas que impactam o movimento feminista na contemporaneidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os movimentos sociais são formas de expressão da sociedade civil, que buscam chamar a atenção para os problemas sociais e lutar por direitos e justiça social. Eles podem ser organizados em torno de questões como a luta por moradia, direitos das mulheres, LGBTQI+, igualdade racial, proteção ambiental, entre outros. Segundo Dias (2010), ressalta-se que de modo geral que os movimentos sociais seguem uma ideologia e possuem como característica a presença de objetivos claros e programas direcionados para a realização desses objetivos. Em geral, eles são importantes para ampliar a participação popular na democracia e contribuir para a construção de um país mais justo e igualitário.

O feminismo é um movimento social que luta contra todas as formas de opressão exercidas sobre as mulheres e busca pela igualdade entre os gêneros. No prefácio da obra "O Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir (1970, p. 7), é mencionada uma citação de Pitágoras que ilustra uma visão depreciativa em relação às mulheres: "Existe um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher". Essa perspectiva associa a figura masculina ao que há de melhor na humanidade, relegando à mulher o pior papel. Na obra, Beauvoir questiona o papel secundário que a mulher representa para a sociedade e como a desigualdade de gêneros perpetua sem muitas contestações.

Ora, a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora

sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap* (Beauvoir, 2019.p. 17).

As desigualdades entre homens e mulheres não têm origem biológica, mas resultam de construções sociais naturalizadas ao longo do tempo. Segundo Bordeau (2003) e Ribeiro, a gravidez e os cuidados com as crianças historicamente confinaram as mulheres ao ambiente doméstico, afastando-as das esferas públicas e contribuindo para uma visão androcêntrica do mundo. Ribeiro (2020) destaca que essa visão centraliza o ponto de vista masculino, sendo identificada como patriarcado, uma estrutura de poder opressora que subjugou mulheres e discriminou pessoas pela cor da pele e posição social: “O conceito de patriarcado, entretanto, é ainda mais amplo e define certas relações de poder que não apenas inferiorizam as mulheres, mas discriminam pessoas devido a cor da pele e posição social” (Ribeiro, 2020, p. 33).

Em resposta a essas desigualdades, surgiu o movimento feminista, que, segundo Bell Hooks (2020, p. 25), depende de conscientização: “feministas são formadas, não se nasce feminista”. Conforme Ribeiro, Nogueira e Magalhães (2021), a trajetória do feminismo pode ser dividida em “ondas”, que representam as conquistas e desafios ao longo do tempo. Essas ondas, comparadas ao movimento do mar, refletem avanços e retrocessos, mas seguem promovendo pautas progressistas, ora com grande impacto, ora de forma mais sutil.

Segundo Caetano (2017), o movimento feminista no Brasil iniciou-se com as operárias anarquistas da “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas” e foi marcado pela luta sufragista liderada por Bertha Lutz, que culminou no direito ao voto em 1934. Na década de 1960, teve início a segunda onda, o foco ampliou-se para a sexualidade, autonomia feminina e direitos reprodutivos, mesmo sob a repressão da ditadura militar. Nesse período, destacaram-se iniciativas como o Movimento Feminino pela Anistia, liderado por Therezinha Zerbini, e a atuação de Lélia Gonzalez no Movimento Negro Unificado, unindo feminismo e antirracismo.

A terceira onda feminista incorporou a interseccionalidade, abordando gênero, raça e classe como elementos interligados, além de questionar papéis tradicionais das mulheres. O feminismo negro trouxe à tona debates sobre racismo, extermínio de negros e o isolamento das mulheres negras, enquanto núcleos acadêmicos se dedicaram aos estudos de gênero. Segundo Silva, Carmo e Ramos (2021), a quarta onda, iniciada em 2010, foi impulsionada pelo ciberativismo e redes sociais, com movimentos como o #MeToo, que evidenciou a urgência de combater o assédio sexual e promover mudanças estruturais. Para Castro (2020), o feminismo contemporâneo usa as tecnologias para conscientizar e ampliar seu alcance, adaptando-se às transformações sociais de cada época.

A expressão "Fake News", em sua tradução literal, significa notícia falsa. Contudo, seu uso atual não se limita à mera falsidade das informações. De acordo com alguns estudos, vivemos na era da "pós-verdade", onde a disseminação de notícias falsas, principalmente com o surgimento da internet, visa mais fortalecer determinadas crenças do que apresentar fatos verdadeiro.

Em 2016, a palavra "pós-verdade" (*post-truth*) foi escolhida como palavra do ano pelo Dicionário de Oxford, e sua influência nos eventos da era digital contemporânea ainda se mostrou relevante em 2018, tendo o mesmo impacto que teve em 2016. Assim, era da "pós-verdade", o foco principal não está tanto na veracidade dos fatos em si, mas sim nas crenças que se busca consolidar. Nesse contexto, a pós-verdade refere-se a um cenário em que as emoções e crenças pessoais muitas vezes superam os fatos objetivos na formação de opiniões e narrativas. De acordo com Higgins (2016), a pós-verdade refere-se às ocorrências em que a disseminação de mentiras se torna uma prática comum na sociedade, onde mentir não é considerado um crime e, portanto, não é passível de relatórios para aqueles que divulgam ou compartilham. O que ganha importância é a verdade pessoal, aquela que muitas vezes contradiz os fatos comprovados. Assim, na era da pós-verdade, a tendência é não analisar minuciosamente os acontecimentos, mas simplesmente expressar opiniões, independentemente

do conteúdo ou da forma como são apresentadas. Ou seja, a pós-verdade refere-se a um cenário em que as emoções e crenças pessoais muitas vezes superam os fatos objetivos na formação de opiniões e narrativas.

Esse fenômeno tem profundas implicações para a sociedade contemporânea. Em um ambiente saturado de informação, a capacidade de discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso se torna mais complexa. A proliferação das redes sociais amplifica essa dificuldade, já que estas plataformas tendem a promover conteúdos que geram maior engajamento emocional, independentemente de sua precisão factual.

Além disso, a pós-verdade influencia significativamente o campo da política, onde a manipulação de informações e a disseminação de *fake news* podem moldar a opinião pública e influenciar eleições. Políticos e figuras públicas frequentemente exploram essas dinâmicas ao apelar para os sentimentos e preconceitos de seus seguidores, ao invés de basear suas campanhas em dados verificáveis e argumentos racionais.

De acordo com D'ancona (2018), a pós verdade teve influência nas eleições americanas de 2016, onde de acordo com o site Politifact, que checa a veracidade de informações, mostrou que 69% das declarações do candidato Donald Trump eram predominantemente falsas ou mentirosas, e mesmo assim, ele venceu as eleições daquele ano.

Claire Wardle, diretora de pesquisa do First Draft, instituto ligado à Universidade de Harvard, classificou as notícias falsas em sete categorias: sátira ou paródia, que pode enganar sem intenção de causar dano; falsa conexão, em que títulos, imagens ou legendas distorcem o conteúdo; conteúdo enganoso, usado para difamar ou manipular; falso contexto, que combina imagens verdadeiras com informações falsas; conteúdo impostor, que usa indevidamente nomes de fontes confiáveis; conteúdo manipulado, que altera textos ou imagens genuínas; e conteúdo fabricado, criado do zero para desinformar e prejudicar. A ascensão da pós-verdade nos leva a refletir sobre o papel da educação e do pensamento crítico na sociedade. Fomentar a capacidade das pessoas de analisar criticamente as informações, questionar suas próprias crenças e buscar fontes confiáveis é essencial para mitigar os efeitos negativos desse fenômeno. Em um mundo onde a verdade é frequentemente dissimulada por narrativas emocionais e subjetivas, a busca pelo conhecimento objetivo e pela integridade intelectual torna-se uma necessidade ética e social.

As redes sociais tornaram-se espaços centrais para comunicação, debates e mobilização social, incluindo o feminismo. No entanto, também potencializam a disseminação de desinformação, afetando negativamente o movimento. Uma pesquisa do Datafolha (2019) revelou que apenas 39% das mulheres brasileiras apoiam o feminismo, enquanto 56% rejeitam o movimento. Segundo Duarte (2022), isso reflete o desgaste semântico da palavra "feminista", que foi associada a estereótipos negativos, como o de mulheres mal-amadas e antissociais. Scarlett Curtis (2019) descreve sua experiência com preconceitos sobre feministas e como eles são produtos de sistemas opressores que o feminismo tenta combater. No Brasil, com 171,5 milhões de usuários ativos nas redes sociais, hashtags como #antifeminismo somam milhares de publicações que reforçam estereótipos, criticam políticas de igualdade de gênero e deslegitimam o movimento feminista.

A disseminação de informações falsas nas redes sociais deturpa as mensagens do feminismo e intensifica discursos misóginos, perpetuando estereótipos de gênero. Essa realidade é exemplificada por relatos como o de D'Ávila (2020), que expõe a exaustão diante de mentiras e ataques pessoais. Assim, a era digital apresenta desafios significativos ao movimento feminista, tanto em sua imagem pública quanto na segurança de suas ativistas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A era das redes sociais trouxe um campo repleto de oportunidades e desafios para o feminismo contemporâneo. Essas plataformas democratizaram o acesso à informação,

possibilitando que vozes femininas antes silenciadas ou marginalizadas ocupassem espaços de relevância no debate público. Por meio das redes, questões como igualdade de gênero, direitos das mulheres e justiça social ganharam visibilidade global. Exemplos como o movimento #MeToo, que emergiu em 2017 e expôs casos generalizados de assédio e violência sexual, demonstram o impacto transformador dessas iniciativas. A mobilização online influenciou mudanças culturais e institucionais, gerando maior conscientização sobre a urgência de combater a violência de gênero. No entanto, a era digital também apresenta obstáculos significativos. O fenômeno da pós-verdade, caracterizado pela disseminação de desinformação e narrativas distorcidas, afeta diretamente a percepção pública do feminismo. Notícias falsas ou manipuladas frequentemente distorcem os objetivos do movimento, perpetuando estereótipos e alimentando preconceitos. Essa desinformação dificulta o diálogo construtivo, reduzindo a luta feminista a polêmicas superficiais e minando avanços importantes. Além disso, os algoritmos das redes sociais, projetados para priorizar conteúdos sensacionalistas ou polarizadores, intensificam essas questões. Esse mecanismo amplifica discursos de ódio e conflitos ideológicos, dificultando a criação de um ambiente digital mais acolhedor e inclusivo. Portanto, é essencial que estratégias sejam desenvolvidas para combater a desinformação e minimizar os impactos negativos dos algoritmos, promovendo um uso mais ético e responsável das redes. Apenas com esforços coletivos e conscientes será possível consolidar o ambiente digital como uma ferramenta efetiva para a promoção de igualdade de gênero e justiça social, reafirmando o papel fundamental do feminismo na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2019.

CAETANO, Ivone Ferreira. **O Feminismo Brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

CASTRO, Priscila Rodrigues. **As lutas feministas e sua articulação pelas mídias digitais: percepções críticas**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/WyNY3BCFGf8CW8cZs6HhFqp/?lang=pt#> Acesso em: 29 mar.2024

CURTIS, Scarlett. **As Feministas não usam cor-de-rosa e outras mentiras**. Coimbra. Edições Almedina. 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: A novaguerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Barueri. Faro Editorial. 2018.

D'ÁVILA, Manuela. **E se fosse você ? Sobrevivendo às redes de ódio e Fake News**. Editora Instituto E Se Fosse Você?. 2020.

DATAFOLHA. **38% das mulheres se consideram feministas**. 2019 Disponível em: <https://encurtador.com.br/9VUH8> Acesso em: 1 maio. 2024.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Pearson Universidades, 2010.

DUARTE, Lima. **Feminismo: uma história a ser contada**. Capítulo do livro: Pensamento

Feminista Brasileiro – Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

FLORES, Pablo. **Inferências Falseadoras Como Base Para a Pós-Verdade**. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/18494/pdf>. Acesso em: 10 maio. 2024.

HIGGINS, Kethleen. **Pós verdade: um guia para os perplexos**. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/540009a>. Acesso em: 5 mar. 2024.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

RIBEIRO, Alessandra. **Teorias Sociológicas Feministas**. Curitiba. Editora Intersaberes, 2020.

RIBEIRO, Diana; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHÃES, Sara Isabel. **As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro**. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/136148/2/496080.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024

WARDLE, Clarie. **6 tipos de desinformação que circulam nesse período eleitoral**. Disponível em: https://www.cjr.org/tow_center/6_types_election_fake_news.php. Acesso em: 20 mar. 2024.